

Um Conto de Renata Melo



NA

FRONTEIRA

DO AMOR.

editora **buqi**

© Renata Melo 2021

Produção editorial: Vanessa Pedroso

Revisão: Editora Buqui

Imagem da capa: Olesya Nickolaeva (Shutterstock)

Design da Capa: Nathalia B. Ceconello

Editoração: Nathalia B. Ceconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486n Melo, Renata

Na fronteira do amor [recurso eletrônico] / Renata Melo.

1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2021.

recurso digital

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-89695-36-3 (recurso eletrônico)

1.Contos brasileiros. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

21-71447 | CDD: 869.3 | CDU: 82-34(81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos desta edição reservados à

bq Buqui Comércio de Livros Eireli.

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102

Porto Alegre | RS | Brasil

Fone: +55 51 3508.3991

www.editorabuqui.com.br

www.facebook.com/buquistore

www.instagram.com/editorabuqui

NA
FRONTEIRA
DO **AMOR.**

❖❖❖

Júlia se olhou no espelho mais uma vez. Não sabia por que estava tão preocupada com o que ele acharia dela quando a conhecesse. Tinha ficado furiosa quando descobriu que seria obrigada a ficar sob o mesmo teto do marido, um desconhecido, na propriedade do Uruguai, porque ele tinha desativado a casa principal no Brasil, expandido o pasto para o rebanho.

Júlia Ferraz era neta e filha de agropecuaristas tradicionais de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, com uma criação de ovinos que, atualmente, representa mais de 20% da produção total do país, mas nem sempre foi assim.

Suspirou, abrindo a porta para descer.

Zane Castillo a esperava no andar de baixo, sentindo-se tão deslocado com a situação quanto ela.

Júlia inclinou um pouco a cabeça para olhar para ele e forçou um sorriso.

— Bem-vinda! — Também se esforçou para sorrir. — Por aqui, por favor. — Zane a conduziu até a varanda onde gostava de fazer as refeições.

Ela observou a impecável organização da mesa, surpreendendo-se. Zane puxou a cadeira para ela sentar e sentou-se de frente.

— Posso servi-la? — Mostrou a garrafa de vinho tinto.

— Sim, por favor.

— Fez boa viagem? — Perguntou servindo-a.

— Sinceramente? — Tomou um grande gole de vinho.

— Tanto eu quanto você herdamos toda essa loucura das nossas famílias... Mas com um pouco de paciência e transparência, temos a chance de encerrar um capítulo e seguir com nossas vidas. — Degustou o vinho. — Estou tão incomodado com essa situação quanto você.

Júlia começou a rir, nervosa. — Me desculpe, não estou rindo de você. — Colocou as mãos sobre os lábios tentando parar de rir.

Zane a olhava concluindo que Júlia tinha um sorriso charmoso com as covinhas. Os olhos eram brilhantes e vivos. Era alta, com pernas compridas e um corpo perfeitamente proporcional. Tentava recordar se já tinha conhecido antes uma mulher tão linda quanto ela.

— Zane Castillo, muito prazer. — Estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Júlia Ferraz. — Mordeu o lábio inferior contendo o riso. — Me desculpe.

— Lembro da única vez que nos vimos... Eu tinha 15 anos e você?

— Treze anos. Foi o dia em que assinamos os papeis do casamento e o contrato pré-nupcial. E aqui estamos 12 anos depois...

— E teve uma boa vida?

— Não recebeu meu dossiê? — Forçou um sorriso, finalizando o líquido em sua taça. Tinha recebido do escritório de advocacia que cuidava dos interesses das famílias e dos testamentos, um dossiê completo sobre Zane Castillo junto com a intimação informando que precisava retornar para o Brasil.

Zane riu, colocando mais vinho nas taças. — Sim, com certeza, mas fotos e fatos não expressam sentimentos.

— Qual a sua história, senhor Castillo? — Júlia estava curiosa.

— Não está no meu dossiê? — Brincou, surpreso com o bom humor dela.

Júlia riu, já estava alegre com o vinho.

— Você sabia que a loucura dos nossos avôs foi o que fez deles melhores amigos?

— Não me lembro do seu avô.

— Josep Castillo teve um único filho, meu pai, que é gay. — Sorriu. — E ele obrigou o filho a lhe dar um neto e aqui estou. — Tomou mais um gole de vinho.

Júlia ficou séria.

— E eu fiz meu avô pensar que minha opção sexual era igual a do meu pai.

— E é? — Estava curiosa, pois no dossiê dele constava o fato como verdadeiro.

Zane tinha cabelos pretos e lisos, um pouco mais longos do que o convencional, uma barba bem feita, um olhar expressivo e estava em plena forma física. Júlia o achou atraente.

— Gostaria que eu fosse hétero, senhora Castillo? — Chamou-a, propositalmente, por seu sobrenome deixando claro que ela era sua esposa.

Júlia virou mais uma taça de vinho, talvez essa noite não precisaria tomar seus remédios para conseguir dormir.

— Sempre fui apaixonado por essas terras. — Levantou-se se apoiando na sacada, admirando a paisagem e a lua cheia que iluminava a agradável noite.

Júlia também contemplou a beleza daquelas terras. Tinha esquecido o quanto gostava de cavalgar, sentindo o vento em seu rosto, o sol aquecer sua pele e o ar puro do campo.

— Então, era aceitar essa condição ou perder tudo pelo qual sempre trabalhei para construir.

— E tenho que reconhecer que fez um belo trabalho por aqui, só não gostei de ter desativado a casa onde cresci sem me consultar.

Zane percebeu sua indelicadeza. — Me desculpe por isso, vamos pensar em uma forma de compensá-la. — E você, qual a sua história? — Sentou-se novamente diante dela.

— Bom, vejamos... — Virou a terceira taça de vinho.

— Não acha melhor comer alguma coisa? — Zane estava atento a leve mudança de comportamento dela, deduzindo ser por causa da bebida.

— Meu pai era igual ao meu avô, só pensava em procriar, igual ao rebanho. Isso, igual ao rebanho. — Júlia ria imaginando que logo ela também teria que fazer o mesmo. — Minha mãe não aguentou e nos abandonou e acho que meu avô, machista, achava que a única solução do mundo seria me casar para que os negócios dele, que era tudo que importava, pudessem continuar.

— E por que concordou?

— Ele sabia que eu queria conhecer o mundo e usou isso como moeda de troca. — Suspirou e sorriu.

— Sinto muito por sua mãe e pelo falecimento do seu pai.

— Meu pai pensava igual ao meu avô e infartou antes de ter mais filhos. Não é irônico? — Ria.

— Acho melhor você parar de beber. — Tentou afastar a taça de vinho dela, mas Júlia em um gole finalizou a quarta taça.

— Pode abrir outra garrafa. — Ordenou.

Ele movimentou a cabeça discordando.

Júlia não conseguia parar de rir. — Então, aqueles velhos doidos nos casaram e aqui estamos, em pleno século 21... — Gargalhava, os cabelos cobrindo parte do rosto.

Zane não conseguiu ficar sério e riu também.

— Acho que o nosso jantar terminou. Vamos? Eu te ajudo a subir.

— Que chato. Podíamos tomar mais uma garrafa.

— Amanhã com certeza. Vem. — Ajudou Júlia a levantar e ela pôde sentir os braços fortes que a envolveu e seguiu rindo, agora lamentando por ele ser gay.

Colocou-a nos braços para ajudá-la a subir as escadas. O quarto dela ficava de frente para o dele. Júlia apoiou a cabeça no ombro dele e cheirou seu pescoço.

— Você é tão cheiroso.

Ele sorriu. — Você também.

Colocou-a na cama, tirando suas sandálias.

— Espera. — Sentou-se na cama e viu ele parar na porta e retornar.

— Precisa de algo?

— Esqueci de te dar isso. — Levantou-se tirando do bolso da calça jeans um panfleto e entregou a ele. — Estava preocupada como ia reagir, mas na sua condição acho que também irá preferir. — Afirmou tirando a calça jeans, ignorando que ele estava ali.

— O que está fazendo? — A calcinha de renda branca o deixou excitado. Desviou o olhar, tentando se concentrar no panfleto sobre inseminação artificial.

Quando voltou a olhá-la, Júlia abria os botões da camisa e Zane se afastou caminhando para a porta evitando olhá-la quando ouviu ela cair. Ela gargalhava deitada no chão. Voltou para ajudá-la. Júlia estava somente de calcinha e sutiã e as mãos de Zane queimaram ao tocar na pele dela enquanto a levantava.

— Confesso estar surpreendido por conhecê-la, senhora Castillo. — Disse sendo empurrado por ela para sentar-se na cama.

Zane apoiou as mãos no colchão evitando qualquer contato com ela, mas Júlia sentou-se em seu colo.

Ela ainda ria. Foi rápido para tirá-la de cima de si, evitando uma ereção. Ajudou-a a deitar e a cobriu. Júlia fechou os olhos e Zane ficou olhando para os frascos sobre a mesa de cabeceira. Eram medicamentos controlados para dormir.

Apagou as luzes, deixando o quarto, sentindo-se excitado. Não conseguiria dormir e voltou para a sacada, abrindo mais uma garrafa de vinho, pensando que Júlia era pura sedução, e era sua esposa.

Júlia sentia uma forte dor de cabeça e um grande borão sobre a noite passada quando viu a Zeze, e sorriu, correndo para abraçá-la.

— Zeze! Mas como? — Estava surpresa.

Zeze a criou, era como uma mãe para ela.

— Eu moro aqui com o Zane. — Sorriu, abraçando-a forte. — Minha menina! Deixe-me olhar para você. Que mulher linda se tornou. Quanta saudade!

Júlia estava emocionada ao sentir o aconchego que era estar nos braços dela.

Elas sentaram-se para o café da manhã.

— Eu queria estar aqui ontem para lhe receber, mas tínhamos um bailão na cidade para arrecadarmos fundos para a reforma da igreja.

— Tínhamos? — Júlia estava curiosa.

— Eu me casei com um uruguaio, acredita? Sou tão feliz com Santiago. — Colocou o café na xícara dela. — O Zane nos apresentou.

— E como veio parar aqui?

— Após a morte do seu avô, o Zane me amparou financeiramente e me deu toda a liberdade para escolher se queria vir para cá morar com ele ou seguir minha vida. Então, eu fui ficando e gostando da companhia dele e, hoje, ele é como um filho para mim. Igual a você.

Júlia teve alguns *flashbacks* da noite anterior, lembrando-se vagamente de algumas coisas, entre elas, de ter cheirado o pescoço dele. Colocou as mãos escondendo o rosto, constrangida.

— O que foi? — Zeze estava curiosa.

— Nada... Acho que bebi demais na noite passada. Onde ele está?

— Ele acordou cedo. Acho que foi na propriedade de vocês, do lado brasileiro.

— Sabe, ele também estudou fora, é educado, é um homem bom. Sempre apoiou o pai e o incentivou a ir buscar a própria felicidade após a morte do avô.

— E onde está o pai dele agora?

— Se casou com um francês. Moram em Paris. Zane tem muito orgulho dele.

Júlia pensou neles, na condição de não poder ter tido relacionamentos públicos por serem casados. Isso sempre foi um problema para ela, porque todas as vezes que a relação avançava, seus namorados queriam mais e não aceitavam a condição dela.

— Acho que vou cavalgar. — Sorriu para Zeze, sentindo o sol da manhã aquecer a pele.

— Zane comprou um cavalo especialmente para você quando soube que estava chegando. Acho que vai gostar. Olha ele chegando aí.

Júlia olhou para ele descendo do cavalo. Estava suado. A camiseta colada na pele desenhava o peitoral e o abdômen definidos. A pele bronzeada refletia os raios do sol. Ele estava sujo de barro. Ela engoliu em seco, incomodada por tê-lo desejado.

— Vai ter que se lavar antes de entrar. Vou buscar uma toalha para você. — Zeze ordenou e viu Zane sorrir.

— Sim, senhora!

Ele tirou a camiseta e Júlia colocou os óculos escuros disfarçando o olhar. Ligou a mangueira e lavou os braços e o rosto. Tirou as botas subindo as escadas recebendo a toalha, colocando-a no pescoço.

— Bom dia! Espero que esteja se sentindo bem. — Sorriu para ela, recordando a noite. — Zeze me disse que quer cavalgar. Se me esperar tomar uma ducha vou com você.

— Obrigada.

Zane voltou minutos depois, com os cabelos molhados usando roupas limpas.

— Vamos?

Júlia usava botas cano longo, calça jeans e uma camisa branca.

— Se importa de irmos no meu cavalo até o estábulo para você escolher o seu?

— Tudo bem.

Segurou-se nele, sentindo novamente a deliciosa fragrância.

— Mais tarde temos que fazer nosso *check-in* com os advogados. — Sorriu, ironizando e ouviu a deliciosa risada dela.

— Confesso que eu estava apreensiva em conhecê-lo, mas me sinto mais tranquila agora, acho que podemos ser amigos.

Mas ele não queria ser amigo dela, queria conquistá-la.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ter cuidado da Zeze. Ela está tão feliz, tão bem, rejuvenescida. Obrigada.

— Foi ela quem cuidou de mim. Ela é minha família também. Venha. — Tinham chegado ao estábulo.

— Comprei há um mês essa égua para você. Por tudo que a Zeze sempre falou de você, acredito que ela tem uma personalidade parecida com a sua.

— E qual é minha personalidade, senhor?

Zane cruzou os braços e sorriu charmosamente para ela. Júlia prendeu a respiração ao ver aquele sorriso.

— Espirituoso, gentil e veloz.

Júlia a afagava enquanto o ouvia. Depois a beijou encostando a testa nela. A égua tinha gostado dela e aceitou seu carinho. Era de cor preta, o pelo bem nutrido e hidratado brilhava. Era linda.

— Então?

— Obrigada. — Foi até ele abraçando-o.

Zane correspondeu.

— Vamos, o dia está lindo e temos algumas horas antes do almoço.

Cavalgaram pela propriedade e ele a guiou apresentando-a ao belo espaço que tinham ali.

❧ ❧ ❧

— Senhor e senhora Castillo, sejam bem-vindos! Por favor, sentem-se.

— Obrigado. — Zane sentou-se ao lado dela.

— Fico feliz de vê-los juntos. — Disse o advogado que cuidava dos interesses de ambas as famílias.

— Júlia, esse é o senhor Castro.

— Muito prazer, senhora Castillo. — Castro abriu uma pasta para repassar com eles as orientações dos avôs deixando claro que ela precisaria engravidar até o próximo ano e, então, estavam livres para decidirem sobre suas vidas.

Júlia estava nitidamente irritada quando deixaram o escritório e colocou os fones de ouvido e uma música alta. Zane fez o percurso de volta em silêncio, de vez enquanto a olhava.

Quando chegaram na fazenda, ela desceu do carro e foi direto para o quarto. Anoteceu e Júlia não saiu do quarto para jantar. Zane bateu levemente na porta, antes de entrar e a encontrou dormindo profundamente. Examinou novamente os remédios sobre a mesa e deixou o quarto.

Júlia acordou de madrugada e precisava de água para tomar mais um dos seus comprimidos.

Já estava com o copo d'água, abrindo o frasco, quando ouviu seu nome e se assustou.

— Desculpe, não fui minha intenção assustá-la. — Estava logo atrás dela.

Júlia estava encostada na bancada e virou para olhar para ele.

— O que são esses comprimidos?

— Não consigo dormir sem eles.

— Mas ontem não precisou deles. — Tirou o frasco das mãos dela.

— O que pensa que está fazendo?

Ele a levantou, a colocando sobre a bancada e se posicionou entre as pernas dela. — Você será a mãe de um filho meu e espero que esteja saudável para isso.

Júlia vestia um *babydoll* e Zane usava apenas a calça do pijama. O coração dela acelerou quando ele a pegou pela cintura a sentando na bancada.

— Por favor, não me faça me sentir igual a uma fêmea do rebanho.

Zane riu, afastando-se para aquecer um leite com mel para ela.

— Me conta a história desses comprimidos.

— Não tem muito o que contar... Sou dependente.

— Pois isso termina agora! Virou o frasco na pia, ligando a torneira, observando os comprimidos descerem pelo ralo.

— Não! Eu preciso de receita médica para comprá-los.

— Agora você tem a mim. Não precisa mais desses remédios.

Júlia deixou a cozinha subindo rapidamente as escadas, mas Zane a alcançou e foi mais rápido do que ela pegando os demais frascos sobre a mesa de cabeceira.

— Seu... Seu... — Partiu para cima dele, mas Zane se desviou do golpe, a virando de costas, abraçando-a por trás para que ela parasse.

Júlia fechou os olhos sentindo o corpo másculo encostado ao seu, sentindo o calor do corpo dele. A pele dela estava encostada a dele, ambos queimavam de desejo e Júlia sentiu a ereção, surpreendendo-se.

Zane a soltou, afastando-se.

Quis olhar nos olhos dele.

— Amanhã vou precisar ir a Porto Alegre, quer algo de lá?

— Quero meus remédios...

— Sinto muito, mas isso não terá mais.

— É isso, tirou meus remédios e vai me deixar aqui sozinha acordada o resto da noite?

— Então venha para a cama comigo, assim não ficará sozinha. Sei que ainda não nos conhecemos o suficiente, mas somos casados e casais dormem na mesma cama. — Sorriu e Júlia também sorriu.

Entrou no quarto dele observando o cômodo, era um quarto bem masculino e tudo estava organizado, alguns livros de história e filosofia sobre a cabeceira da cama.

Deitou-se ao lado dele sentindo o um forte desejo de provocá-lo. Após ter sentido a ereção dele não estava tão certa sobre sua opção sexual. Talvez descobrisse que ele poderia ser bissexual.

Recordou que quando perguntou se ele era gay, Zane não respondeu. Ao invés disso, perguntou a ela se queria que ele fosse hétero.

Júlia deitou-se de frente para ele. Os seios destacados no decote V da camiseta do *babydoll*, o *short* subiu mais um pouco ao deitar-se, sutilmente deixando à mostra as bochechas das nádegas. Zane se virou, evitando olhá-la, focando no teto.

— A Zeze disse que morou fora também. Onde?

— Em alguns lugares: Califórnia, Madri e Portugal. —
Olhou para ela. — Parece surpresa.

Apenas sorriu. Estava surpresa sim, mas não era por ele ter morado fora e sim pelo conjunto. Era bonito, atraente, educado e tinha aquele sorriso e corpo... Respirou fundo e segurou a respiração por alguns instantes.

— Você tem alguém? — Estava curiosa para saber mais sobre ele.

— Você tem? — Não estava mais sorrindo.

— É difícil manter uma relação com alguém na nossa condição, não acha?

— Como assim? — Zane não estava confortável com o assunto.

— Meus namorados sempre quiseram dar o próximo passo na relação e não aceitavam eu ser casada.

— O que seria o próximo passo?

— Casar, ter uma família e eu... Eu nunca podia... —
Forçou um sorriso.

— E você os amava?

— Digamos que minhas referências masculinas me tiraram um pouco o encanto do príncipe encantado e do viveram felizes para sempre. E você?

— Se eu acredito em príncipe encantado e no viveram felizes para sempre? — Sorriu ao ouvir a risada dela, virando-se novamente para olhá-la, apoiando a cabeça com uma das mãos e com a outra segurou na mão dela. — Acho que sou capaz de acreditar. — A voz era sedutora.

Júlia recolheu sua mão, afastando da dele, sentindo uma leve excitação.

— O que foi?

— Nada... — Júlia se lamentava. — Acho que não tem noção de quão sedutor é capaz de ser, senhor Castillo, mas nada que um banho gelado e meu vibrador não me ajudem.

Zane a olhava e levou a mão até as nádegas dela, segurando-as com firmeza. Tinha desejado fazer isso a noite toda quando a viu com aquele *babydoll*. — Eu não disse que era gay.

Pulou da cama quando o ouviu.

— Então, agora isso também é um problema? Eu não ser gay?

— Como vou conseguir acreditar em você? Traiu minha confiança.

— Para onde você vai?

— Voltar para o meu quarto.

— Não vai não. — Segurou-a nos braços a trazendo de volta para a cama deitando-se sobre ela, afastando os cabelos do rosto dela. Júlia o olhava, sentindo o coração acelerar, e ele a beijou. Foi um beijo cheio de desejo, tinham química e ambos desejaram mais.

— Você é igual a eles. — Referia-se aos avôs deles e ao pai dela.

Zane se afastou, sentindo o peso das palavras dela, lamentando-se.

— Aproveite que está indo a Porto Alegre e passe na clínica de inseminação artificial para esclarecer suas dúvidas, eu já fiz isso antes de vir para cá. Se tivermos sorte, engravidado na primeira inseminação porque sou fértil. — Júlia tinha aberto a porta do quarto. — E nunca mais chegue perto de mim. — Disse sem olhar para ele, lamentando-se por estar se sentindo atraída.



Júlia, nos dias seguintes, cavalgou intensamente, tentando tirar da sua boca o gosto do beijo dele, tentando tirar da sua pele o cheiro dele, mas, a verdade, era que sentia falta dele. Zane era divertido e ela se sentia à vontade ao seu lado, livre para se expressar e ser ela mesma.

Ele ligou todos os dias para Zeze para saber delas e os dois dias de viagem viraram uma semana. Não conseguia parar de pensar nela, na sua risada e na última noite que passaram juntos, mesmo tendo o ofendido o comparando com o avô.

Júlia levantava-se todas as noites para tomar o leite quente com mel que a acalmava e a ajudava a voltar a dormir.

— Olá!

Ela pulou colocando a mão no coração com o susto.

— Isso também vai virar um hábito?

Sorriu ao vê-la aquecer o leite.

Zane tinha acabado de chegar de viagem e estava cansado, mas Júlia mesmo com a iluminação indireta do ambiente, notou a fisionomia abatida. Ele sentou-se à mesa e permaneceu ali, em silêncio, apenas a observando. Tinha ensaiado abrir o coração para ela quando a visse, mas as palavras desapareceram.

Júlia acrescentou mais leite na chaleira para ele também. Sentou-se à mesa colocando uma xícara diante dele.

— Não está igual ao seu, mas tem me ajudado. — Forçou um sorriso.

— Eu não quero que nosso filho, ou filha, cresça com um dos pais ausentes. Não quero que essa criança tenha que passar pelo que passamos e eu não sei como vamos fazer isso... — Colocou sobre a mesa os papéis da clínica de inseminação para preencherem. — Eu só sei que não sou igual a eles como me acusou. — Deixou-a sozinha.

Júlia ficou olhando para os papéis se lamentado por ter dito isso, sabia que poderia acusá-lo de qualquer coisa, menos disso.

Zane estava decidido a construir uma nova casa para ela na propriedade do Brasil, quem sabe com o próprio espaço ela o deixaria, de forma amigável, estar presente na vida do filho.

Abriu a porta do quarto dele, entrando. Zane tinha tomado banho e usava apenas a calça do pijama, ainda estava com a toalha sobre os ombros, enxugando os cabelos.

— Me desculpa por ter dito que você é igual a eles, sei que não é. Boa noite.

— Espera. — Já estava diante dela. — Andei pensando, sei que é importante que tenha seu próprio espaço. Vou construir uma nova casa para você na propriedade do Brasil, assim, quem sabe, possa me deixar, de forma amigável, ver nossa criança crescer.

— Sei que não nos conhecemos o suficiente, mas eu jamais lhe tiraria esse direito. — Júlia já estava saindo do quarto quando o ouviu.

— Sei que posso ser melhor do que seu vibrador. — Sorriu ao ouvir a risada dela.

— Boa noite, Zane. — Ela tinha certeza.

— Boa noite.

❧ ❧ ❧

Júlia tinha saído para cavalgar e Zane estava tomando seu café da manhã quando um carro se aproximou.

— Está esperando alguém, Zeze?

— Não.

— Sabe dizer se Júlia está esperando por alguém?

— Se está, não comentou comigo.

Zane levantou-se descendo as escadas da sacada, aproximando-se do veículo.

Rafael desceu do luxuoso utilitário. — Estou procurando por Júlia Ferraz. Ela está? Sou Rafael Braga.

Zane o convidou para entrar.

— Ela está cavalgando, mas deve estar chegando para tomar o café da manhã. — Sentou-se de frente para ele.

— De onde se conhecem?

— Olha aqui cara, meu assunto é com ela, não tem nada a ver com você. Quer dizer, tem tudo a ver com você. Eu a quero e vim pedi-la em casamento, sei que logo o contrato de vocês estará finalizado.

Zane levantou-se ao ver ela se aproximar.

— Olha ela aí. — Cruzou os braços, apoiando-se na sacada, esperando-a entrar.

— De quem é esse carro? — Subiu perguntando a Zane e se surpreendeu ao ver Rafael.

Rafael levantou-se e a abraçou. Júlia olhou para Zane, completamente surpreendida.

— O que faz aqui? — Perguntou constrangida por seu passado.

Rafael foi médico dela e a ajudou a se viciar nos comprimidos. Usou o trauma familiar para dominá-la e a fez pensar que tinha que agradecer a ele por a amar.

— Olha aqui o que trouxe para você, nesse final do mundo, não sabia como estava se virando com sua medicação. — Virou sobre a mesa um saco de papel cheio de frascos de remédio.

Zane não conseguiu se controlar e Júlia o viu avançar em Rafael, segurando-o pelo colarinho. — Ela é minha esposa e não toma mais a droga desses comprimidos. Se não sair daqui agora eu vou te encher de porrada.

— Ela é sua apenas na droga de um papel, estávamos juntos antes dela ter que vir para cá e sou eu quem come ela em seu lugar.

De repente, os dois estavam trocando socos e chutes e precisou Santiago retirar Zane de cima dele para que não o matasse.

— Para! Para! Vai matá-lo. — Júlia gritava com Zane.

Ela ajudou Rafael se levantar, levando-o até o carro. Colocou-o no banco do passageiro e deu a partida, deixando a fazenda com ele. Rafael estava muito machucado e Júlia estava levando-o para o hospital. Preocupada que se algo acontecesse, Zane estaria encrencado.

— Seu... Seu... Como ousa vir aqui e fazer todo esse teatro. Sabe que não estávamos mais juntos. Eu nunca me apaixonei por você!

Rafael ria. — Só porque não precisa mais das medicações diz isso.

— Você me deixou dependente dessas drogas para me ter ao seu lado. E sim, eu não preciso mais delas.

— Vou processá-lo! — Rafael gritou referindo-se a Zane por tê-lo espancado.

— Acho que você tem mais a perder do que o Zane e saiba que vou testemunhar a favor dele!

Júlia retornou para casa quando escureceu. Aproximou-se da porta do quarto dele, mas desistiu, entrando em seu quarto. Precisava de um banho e estava com fome. Não conseguia tirar da cabeça o olhar de reprovação ao vê-la entrar no carro e partir com Rafael. Suspirou.

Usava uma fina e confortável camisola curta de alças, colocou um robe por cima, mas o manteve aberto e desceu para a cozinha. Acendeu a iluminação indireta e abriu a geladeira para fazer um sanduiche. Estava na bancada finalizando e lambendo os dedos sujos de maionese quando percebeu que ele estava logo atrás dela. Dessa vez não se assustou, na verdade, estava torcendo para que ele descesse. Virou para olhá-lo. Zane tinha um leve machucado no rosto.

— Você quer também?

Zane estava sério e colocou um braço de cada lado da bancada, cercanda-a. Aproximou os lábios aos dela, olhando-a, mas foi Júlia quem o beijou apaixonadamente.

Sentou-a sobre a bancada apoiando as mãos nas coxas dela. Júlia o envolveu com as pernas e continuou beijando-o.

Soube pelo delegado que ela tinha prestado queixa contra Rafael após o ter deixado no hospital.

— Me desculpa pelo o que aconteceu. — Segurava com as duas mãos no rosto dele.

Zane desviou o olhar. — Perdi a cabeça quando vi...

Júlia o silenciou colocando os dedos, delicadamente, sobre os lábios dele e ele se afastou, puxando uma cadeira, virando-a ao contrário e sentando-se de frente para ela.

Júlia riu. — O que é isso? Vai me interrogar?

Zane também riu.

— Preciso de respostas.

— Vejamos... — Limpava as mãos no guardanapo, após ter devorado o sanduíche. — Na dúvida, vou começar usando uma frase clássica: Não é nada disso que está pensando...

— Sério, Júlia? — Foi até ela, posicionando-se entre as suas pernas novamente.

Ela o abraçou e voltou a olhá-lo.

— Rafael era meu médico. Eu me sentia tão frustrada e sozinha que terminei me envolvendo com ele. Ele era inseguro e se aproveitou do meu trauma familiar para me manter ao lado dele. Me viciiei nos medicamentos e ele me estimulava a aumentar a dosagem. Nunca me apaixonei por ele e eu não o via há mais de seis meses.

— E por que foi com ele?

— Ele estava muito machucado. Quase o matou. E eu só pensava que não queria que você fosse prejudicado por minha causa. Depois que ele foi atendido, fui à delegacia e prestei queixa. — Passava as mãos pelos cabelos dele. — Me desculpa.

Zane a encaixou em sua cintura e subiu as escadas, beijando-a.

— Eu te amo, Júlia Ferraz. Não consigo mais ficar longe de você. Quero que seja, verdadeiramente, a minha esposa!

Sorriu, beijando-o.

— Então? — Deitou-se sobre ela.

— Ontem me disse que era melhor do que o meu vibrador.

Zane riu.

— Chegou a hora de provar... — Não conseguiu terminar a frase, contorcendo-se de prazer.

Tinham química, se amavam e Zane mostrou o quanto a desejava.


— Me promete que será sempre assim? — Júlia mantém os olhos fechados, ainda sentindo o êxtase que foi estar nos braços dele.


— Quero ver seu vibrador fazer o que eu fiz. — Disse em seu ouvido e a beijou no rosto.

Júlia riu. — Eu também te amo, Zane Castillo.



www.escritorarenatamelo.com.br

 [escritora_renata_melo](https://www.instagram.com/escritora_renata_melo)

 [escritorarenatamelo](https://www.facebook.com/escritorarenatamelo)

buqui

www.editorabuqui.com.br